

Neste Natal, dê livros de presente

[Clique aqui para ver a notícia no site](#)

Concordo com a opção de dar livros de presente nesta época do ano há tempos, e em 2018 — como sempre — tenho algumas sugestões. Alguém me perguntou na rádio, na semana passada, o que eu estava lendo — e eu não soube responder. Titubeei, mandei uma desculpa, depois fiquei pensando como é que não consegui responder a uma pergunta tão simples. A explicação estava na minha mesa de cabeceira, onde havia, naquele momento (fiz questão de contar assim que cheguei em casa), 41 livros. Não estava lendo todos simultaneamente, é claro; eles tinham uma razão especial de estar lá. Eram um apanhado dos que gostei particularmente, e que poderia recomendar como presentes de Natal. A crise das livrarias deu origem a uma corrente de pessoas que estão propondo essa opção. Concordo com ela há tempos, e este ano — como sempre — tenho algumas sugestões. “Einstein, biografia de um gênio imperfeito”, de David Bodanis, traduzido por Maria Luiza Borges, é surpreendentemente divertido e fácil de ler. Bodanis tem o grande talento de explicar de forma simples questões complicadas (já escreveu uma excelente “biografia” da equação $E=MC^2$), e faz um retrato crítico porém afetuoso do seu personagem. “O Rio de Clarice”, de Teresa Montero, é perfeito para quem gosta de Clarice Lispector, e para quem, apesar de tudo, ainda ama o Rio e gosta de flamar por aí: ele nos conduz pelos cenários do cotidiano da linda mulher de pernas longas que enfeita a capa e que escrevia como ninguém. Tem fotos, apontamentos, mapas e dicas interessantes até para cariocas que se gabam de saber tudo sobre a cidade. Publicado pela Autêntica. Outro ótimo livro que tem o Rio como cenário é “A biblioteca elementar”, de Alberto Mussa, da Record, um policial de época simplesmente delicioso. O ano é 1733, e um assassinato é cometido na Rua do Egito, na região que viria a se tornar o Largo da Carioca. O crime, porém, é o de menos, apenas uma desculpa para conhecermos aquele trecho da cidade, os seus habitantes, os seus hábitos — e, de quebra, dialogarmos com o autor, à nossa altura no tempo. O Rio é cenário, ainda, de um terceiro livro adorável, “Nunca houve um castelo”, de Martha Batalha (Companhia das Letras), uma das escritoras mais originais que temos. Numa Ipanema hoje desaparecida, personagens singularmente bem traçadas vivem as suas vidas corriqueiras enquanto a História acontece em outro lugar. Continuações de romances queridos podem trazer grandes frustrações para os leitores, mas Thrity Umrigar não desaponta ninguém com “O segredo entre nós”, que retoma as personagens do inesquecível “A distância entre nós”. Nesse novo mergulho na vida indiana há desigualdade social, miséria e redenção, mas há sobretudo a felicidade profunda que uma boa leitura pode trazer. O livro foi traduzido por Catia Pietro e Luiza Leal, e publicado pela Globo. A lista é grande e o espaço é curto. “Assombrações”, de Domenico Stamone (tradução de Mauricio Santana Dias, Todavia) é o comovido encontro entre um avô e um neto; “Tudo em volta está deserto”, de Eduardo Jardim (Bazar do Tempo) é ensaio e crônica cultural, nostalgia e aprendizado; “Édipo tirano”, de Sófocles, na tradução de Leonardo Antunes (Todavia), é uma revelação; “O que vem ao caso”, de Inez Cabral (Alfaguara), é memória e delicadeza; “Prisioneiros da geografia”, de Tim Marshall (tradução de Maria Luiza Borges, Zahar) é informação preciosa sobre o mundo, resumida em dez mapas. Feliz Natal, amigos!